

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e
Economia Criativa, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Prefeitura
da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, VIVO e Rede
Windsor Hotels

apresentam:

Débora
Falabella
em

PRIMA FACIE

direção
Yara de Novaes

texto
Suzie Miller





Confesso que, desde que me entendo como atriz, nunca tinha pensado em fazer um monólogo. A troca com o outro em cena é uma das coisas mais prazerosas quando estou no palco. No entanto, essa vontade recentemente surgiu, impulsionada pela curiosidade de me arriscar em algo completamente diferente. Fui atrás dos direitos de “Prima Facie” e descobri que o texto havia sido adquirido para uma produção no Brasil. Coincidentemente, duas semanas depois, recebi uma mensagem de Luciano Borges, o produtor, me convidando para encenar esse texto. Quase não acreditei. Devorei a tradução, disse um enorme SIM, entrei no projeto como produtora e começamos a trabalhar.

Convidei a minha amiga e parceira de longa data, Yara de Novaes, que tanto admiro e em quem confio plenamente, para me conduzir neste trabalho. Ela sempre me lança a pergunta: por que estamos fazendo este espetáculo? Por que você quer dizer este texto? Há muito o que responder. Ao começar a estudar o texto, me deparei com o fato de estar retornando ao tema da agressão sexual, assunto que já havia explorado na peça “Neste Mundo Louco, Nesta Noite Brilhante”, de Silvia Gomez, com o Grupo 3 de Teatro, em 2019. Por que escolho mais uma vez esse assunto? Porque ele é intragável, tira o nosso sono, nossa liberdade.

Como atriz, essa é a única maneira de lidar com a impotência que sinto diante dessa realidade que nos rodeia, seja na rua, no trabalho ou em casa. De uma maneira muito individual, este trabalho também me afeta e me cura. Na sala de ensaio, muitas vezes a discussão esbarrava na minha vida, na minha maneira de me relacionar, na minha forma de julgar o outro. Padrões que segui e considerava certos. Assim como diz a personagem Tessa, talvez essa seja a minha voz. E é amparada pelo teatro, pelo texto, pela direção, e através do meu corpo, que essas ideias que não cabem aqui dentro podem sair e quem sabe encontrar outra pessoa que também pense sobre isso.

Talvez essa seja a minha forma de contribuir para uma luta contínua por proteção e justiça, apoiada pelas conquistas de muitas mulheres corajosas, embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido.

Não é fácil estar sozinha no palco dizendo tudo isso. Mas a preparação para um monólogo vai muito além desse momento que parece solitário: é um esforço colaborativo que envolve uma equipe talentosa e dedicada. O frio na barriga é intenso, mas a calorosa presença da equipe me mantém aquecida. Yara, Renan, Yvi, Catarina, Fabinho, Morris, Dede, Wagner, Luciano e Edson, estamos todos juntos!

DÉBORA
FALABELLA





“O que eu faço agora?”

Essa pergunta, repetida várias vezes pela personagem Tessa, após o estupro que sofreu, é nuclear para a reflexão que “Prima Facie” suscita.

As pesquisas sobre violência sexual contra mulheres apontam para o fato de que a maioria dos agressores é alguém próximo da vítima. Quando a questão chega aos companheiros, maridos, namorados, ficantes, a sociedade tem dificuldade para lidar com o tema. Afinal, uma das bases da nossa civilização é a desigualdade de gêneros, e nela, o desejo do homem é sempre compulsório.

O ato sexual muitas vezes não passa pela vontade da mulher e, quando ela se nega a fazê-lo, surge a sensação de uma espécie de “débito conjugal”. Então, a mulher satisfaz o mito do desejo incontrolável de seu parceiro. E mesmo quando forçada por ele, acordada ou dormindo, lúcida ou vulnerável, ela não vai elaborar a pergunta da Tessa porque ela nem sequer reconhece naquele ato uma violência sexual, um estupro.

Mesmo aquelas que se sentem violentadas muitas vezes não se questionam sobre o fato, porque acham que não há o que ser feito diante das ameaças psicológicas, patrimoniais e físicas sofridas continuamente.

Há outras que se perguntam, mas deixam para lá, porque sabem que têm muito a perder: provavelmente não serão levadas a sério ou receberão tapinhas em suas costas com a frase “isso vai passar”. “Releve”. “Ele estava bêbado”. Ou “ele é um cara legal, o pai de seus filhos, deve ter achado que você estava gostando, é o fulano, o beltrano, um poeta, é da igreja, do seu grupo de estudos, do teatro, um homem trabalhador, filho de sicrano, é poderoso,

tem grana, pode te destruir”. Isso se não a tratarem como uma aproveitadora que só quer ferrar o “coitadinho” do cara “maravilhoso” que a ESTUPROU. No imaginário de muitas pessoas, o estupro advém de uma violência praticada por um estranho, na rua, com ameaças declaradas, podendo chegar até ao assassinato.

E é isso que essa peça de Suzie Miller ajuda a iluminar: que qualquer ato sexual forçado e não consentido é um estupro, mesmo que a mulher que diga o NÃO esteja nua, na cama, após um ato sexual consentido.

Uma relação sexual tem de ser uma correspondência de corpos e prazeres, sempre no plural, consensual, desejada plenamente pelas pessoas que a praticam.

Tessa conseguiu elaborar e responder à pergunta “o que eu faço agora?” com a frase dita ao taxista “me leve à delegacia mais próxima” por causa de sua prática profissional, experiência, conhecimento, coragem.

As mulheres que denunciam e que sabem que poderão enfrentar a sua própria destruição, e mesmo assim seguem adiante, o fazem desafiadas por uma ideia de justiça. Fazem por elas e por todas que não conseguiram fazer. E dessa coragem podem até surgir leis e serviços que as protejam.

Falar sobre o tema num espetáculo ao lado da Débora Falabella, minha amiga, irmã, filha, parceira, é uma das maiores alegrias desse ano de 2024. Nossa sala de ensaio, iluminada por Ivy Souza, Catarina Milani e tantos homens verdadeiramente parceiros, foi verdadeiramente encorajadora.

YARA
DE NOVAES





“A experiência que a mulher passa ao ser sexualmente violentada não se encaixa no sistema de verdade definido pelos homens”. As palavras sem amarras ditas por Tessa, perante o tribunal, descortinam um sistema de justiça essencialmente marcado pela violência de gênero institucional.

No Brasil, quase duas décadas transcorridas desde a promulgação da Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), ainda nos estarecemos com a publicização da violência psicológica e moral sofrida por Mariana Ferrer durante audiência judicial. Maria da Penha é sobrevivente de uma tentativa de feminicídio que, em 1983, a deixou paraplégica. Ao voltar para casa, seu agressor tentou eletrocutá-la. Foram necessários 19 anos e 6 meses para que o autor do crime fosse responsabilizado, o que somente ocorreu após recomendação feita pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Mariana Ferrer também deu nome a uma lei, promulgada em 2021, para coibir a prática de atos atentatórios à dignidade da vítima durante o processo judicial.

Ainda assim, nos deparamos com números que escandalizam: segundo o Atlas da Violência de 2023, desenvolvido pelo IPEA, 10 mulheres são assassinadas por dia no Brasil. Do total de mulheres assassinadas, 67,4% são negras. Enquanto a taxa de homicídios da população em geral apresenta queda, a de homicídios femininos cresceu, sendo o aumento mais expressivo na população negra. Por sua vez, as mulheres sobreviventes à violência de gênero, quando decidem acionar o sistema de justiça, precisam percorrer um longo e árduo caminho de revitimização. É por meio da violência institucional que suas verdades são repetidamente questionadas e desprezadas, e é justamente nesses espaços – de suposto acesso à justiça – que se retroalimentam as relações de poder e subordinação entre homens e mulheres.

O IPEA, em estudo publicado em 2015, analisou a violência simbólica do direito e das instituições, principalmente a ausência de atendimento e de estrutura, a inexistência de uma escuta sensível e humanizada, a espera inexplicável e a impunidade. Foram propostas medidas para aprimoramento do sistema, como a ampliação do número de Núcleos e Juizados de Violência Doméstica, a expansão dos quadros das Defensorias Públicas, a capacitação dos funcionários públicos, o desenvolvimento de projetos de empoderamento da mulher e a criação de ambientes mais acolhedores às vítimas.

Por sua vez, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) editou o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero, tornando obrigatório, desde 2023, que o Poder Judiciário incorpore em suas práticas conteúdos relativos aos direitos humanos, gênero, raça e etnia, por meio da capacitação de magistradas e magistrados. O documento desenvolve um guia para que os julgamentos efetivem o direito à igualdade e à não discriminação de todas as pessoas, sem repetir estereótipos e perpetuar preconceitos.

“Prima Facie” nos convoca ao inconformismo. É preciso questionar as estratégias do combate à violência de gênero. É preciso, acima de tudo, como nos desperta Tessa, questionar quem pilota o sistema. É urgente reconstruir seus alicerces. Parafraseando Djamilia Ribeiro, em seu ensaio “Quem tem medo do feminismo negro?”, “pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição – é busca por coexistência”.

MARIA LUIZA
FURBINO DE
NOVAES GOMES
defensora pública do Estado do Paraná





Há exatos 20 anos eu iniciava a minha trajetória no universo teatral, produzi 10 espetáculos onde tive a honra e o privilégio de trabalhar com grandes nomes do teatro. O último espetáculo que produzi foi em 2018, “O Doce Pássaro da Juventude”, protagonizado pela minha querida amiga Vera Fischer. Após esse espetáculo, me dediquei a outros negócios com minha família, mas o amor pela magia do teatro sempre falou mais alto no meu coração e eu decidi que queria voltar a produzir. Eu buscava um texto impactante que me tocasse, passei anos em busca desse texto.

Durante uma viagem a Londres, tive a oportunidade de conhecer “Prima Facie”, e fui arrebatado por esse texto magnífico e necessário de Suzie Miller.

Foram 12 longos meses de espera pela acirrada disputa para comprar os direitos de “Prima Facie” no Brasil, e quando recebi a notícia da aprovação para o licenciamento, fiquei extremamente emocionado, mas agora vinha um outro desafio, encontrar uma grande atriz para interpretar o papel. Sempre tive uma grande admiração e um enorme desejo de trabalhar com a Débora Falabella, e na mesma semana que comprei os direitos de “Prima Facie”, entrei em contato com a Débora, e para a minha enorme surpresa, ela também estava em busca dos direitos de “Prima Facie”, Débora topou na hora! Nos tornamos sócios na produção, juntamente com Edson Fieschi, e Débora convidou a magnífica Yara de Novaes para dirigir o espetáculo, e para mim está sendo uma honra trabalhar ao lado de Yara e Débora e de toda a equipe maravilhosa que compõe a nossa ficha técnica.

Agradeço ao meu marido Diogo Bastos, por ter sido o maior incentivador para eu voltar a fazer o que eu tanto amo, que é produzir teatro.

LUCIANO
BORGES
produtor



Em 2023 fiz quarenta anos de carreira e na mente o desejo de qualquer ator, achar a peça para comemorar, quando surge Luciano, meu sócio, com uma peça de título estranho: “Prima Facie”.

À primeira vista, sem jogo de palavras, poderia ser mais um texto novo. Não era. Era sim um texto potente, que deveria ser feito por uma atriz igualmente potente que pudesse traduzir tudo que estava ali. Tínhamos um monólogo feminino, um teatro político, social, necessário nos tempos de hoje, uma denúncia a todo sistema legal retrógrado, que deveria ser revisto em prol das mulheres. Yara e Débora eram a tradução feminina perfeita para contar essa história. E essas artistas fantásticas chamaram essa responsabilidade para si.

Quanta felicidade comemorar, ainda que não esteja no palco, meus quarenta anos de ofício com uma equipe tão afinada e competente. Obrigado a toda a equipe pelo presente!!!

EDSON
FIESCHI
produtor





FICHA TÉCNICA

temporada de estreia

ATRIZ: Débora Falabella

DIREÇÃO: Yara de Novaes

AUTORA: Suzie Miller

TRADUÇÃO: Alexandre Tenório

CENÁRIO: André Cortez

LUZ: Wagner Antonio

TRILHA SONORA: Morris

[*Girl On Fire* é executada em versão especial de

TUM – Luísa Matsushita & Chuck Hipolitho]

FIGURINOS: Fábio Namatame

AUDIOVISUAL: Alice Cruz

ASSISTENTES DE DIREÇÃO: Ivy Souza e Renan Ferreira

PREPARAÇÃO CORPORAL: Renan Ferreira

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Laura Del Rey

ASSISTÊNCIA DE DESIGN: Fernando Zanardo

ASSISTÊNCIA E PROGRAMAÇÃO DE LUZ: Dimitri Luppi

ASSISTENTE DE CENOGRAFIA: Tuca Mariana

CENOTÉCNICO: André Salles

CAMAREIRA: Lígia Soares

OPERADOR DE SOM E VÍDEO: Vitor Vieira

OPERADOR DE LUZ: Ricardo Viana

SISTEMA DE VÍDEO: Alan de Souza

FOTOS: Jorge Bispo

CINEMATOGRAFIA: Chamon Audiovisual

ESTAGIÁRIO DE ARTE CÊNICA: Antonio Rockenbach

CONTRARREGRA: Renato Darin

DIRETORES DE PALCO: Rodrigo Ferreira, Juan Patrick

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Pedro Neves

REDES SOCIAIS: Top na Mídia

CONSULTORIA JURÍDICA: Maria Luiza Gomes e Mateus Monteiro

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA: Lilian Santiago

PRODUTORA EXECUTIVA: Catarina Milani

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Luciano Borges e Edson Fieschi

REALIZAÇÃO: Borges & Fieschi Produções e Antes do Nome Produções

SUZIE MILLER

É uma dramaturga, libretista e roteirista internacional contemporânea, atraída por histórias humanas complexas, muitas vezes explorando a injustiça. Ela tem sido frequentemente descrita como uma escritora corajosa e brilhante, o que fez render vários prêmios em sua carreira.

Nascida em Melbourne, Austrália, e atualmente residindo em Londres, os textos de Suzie Miller são produzidos em todo o mundo, ganhando vários prêmios de prestígio. Sua peça mais recente, “Prima Facie”, ganhou o Prêmio do Guild dos Escritores Australianos de Drama de 2020; o Prêmio David Williamson 2020 de Melhor Roteiro Teatral; e o prestigioso prêmio Major Australian Writers ‘Guild Award de 2020 em todas as categorias de teatro, cinema e televisão. Sua produção principal recebeu críticas de 5 estrelas em todos os veículos de imprensa na Europa e nos Estados Unidos.

A australiana/britânica Suzie tem formação em direito e ciência, e atualmente está desenvolvendo grandes projetos de teatro, cinema e televisão no Reino Unido, nos EUA e na Austrália.

Suzie trabalhou como advogada de direitos humanos e advogada de direitos das crianças antes de deixar a advocacia e se mudar para Londres em 2010 com sua jovem família, para seguir a carreira de escritora de teatro em tempo integral.

AGRADE- CIMENTOS

Alessandra Reis, Alexandre Hocknsmith, Alexandre Vesper, Amanda Barbosa, André Prado, Andrea Pachá, Brunno Coelho, Bruno Mascarenhas, Cacá Toledo, César Tadeu Dominguez, Chuck Hypolitho, Clara Pacce, Conceição Diniz, Cynthia Falabella, Daniela Almeida, Danielle Barros, Diogo Bastos, Eduardo Bark, Erika Oliboni, Espaço Falabella de Criação, Fafá Rennó, Felipe Heráclito de Lima, Fernando Fraiha, Fran Ferrareto, Gabriel Fontes Paiva, Grupo 3 de Teatro, Irene Falabella, Jandira Rosa, Junia Falabella, Lorenzo Bastos de Rezende, Junior Rezende, Luciano Braga, Luiz Ildefonso B. Rezende, Luiza Matsushita, Marcus Vinicius Faustini, Maria Bernadete B. Rezende, Maria Olympia Lima Falabella, Natália Simonete, Nick Falabella Benedito, Pedro Rocha, Rafael Rocha, Roberto Monteiro, Rogerio Falabella, Silvia Gomez, Tadeu Aguiar, TUM, Valência Losada, Valentin Bastos de Rezende, Verônica Prates, Wander Gomes.

PRIMA FACIE

foi licenciado no Brasil por Graber & Furtado Agência Literária.

PRIMA FACIE,

by Suzie Miller,

was first produced by Griffin Theatre Company in May 2019 at the SBW Stables Theatre. Director was Lee Lewis and Cast was Sheridan Harbridge.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Clique [NESTE LINK](#) para acessar a cartilha:
[Guia de enfrentamento à violência sexual – orientações para proteção e acolhimento](#)

DISQUE 180

O 180 é um serviço de utilidade pública essencial para o enfrentamento à violência contra a mulher. Além de receber denúncias de violações contra as mulheres, a central encaminha o conteúdo dos relatos aos órgãos competentes e monitora o andamento dos processos.

Windsor^{Hoteis}

Um novo mundo se abre através da arte.

V/C
vivo  **Cultura**

A Vivo acredita no poder da arte e da tecnologia para a transformação da sociedade e ajuda a levar experiências de qualidade aos mais diversos públicos, onde quer que estejam.

Conheça e acompanhe todas as iniciativas culturais em **@vivo.cultura** no Instagram.



Acesse e saiba mais.



temporada
de 02 de maio a 30 de junho de 2024

TEATRO
Adolpho Bloch

TEATRO
Adolpho Bloch

APOIO CULTURAL

nk

INGRESSOS

Symplã

REALIZAÇÃO

Borges & Fieschi Produções
e Antes do Nome

PATROCÍNIO

vivo 

Hotéis
Windsor

PRÓ-CARIOCA
ISS - LEI DE INCENTIVO À CULTURA

RIO
CAPITAL
G20
MAY 2016

Rio
PREFEITURA | CULTURA

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO